

**Consórcio Setentrional de Educação a Distância  
Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás  
Curso de Licenciatura em Biologia a Distância**

**Formação dos professores do ensino na educação inclusiva**

**Eliandra Sousa Santos**

**Brasília  
2012**

**Eliandra Sousa Santos**

**Formação dos professores do ensino na educação inclusiva**

Monografia apresentada, como exigência parcial para a obtenção do grau pelo Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás no curso de Licenciatura em Biologia a distância, sob a orientação da Prof. Msc, Paula Marcela Duque Jaramillo.

**Brasília  
2012**

*“Faça do “Meio Ambiente” o seu “Meio de Vida”*

Dr. Grillo

*“A responsabilidade social e a preservação ambiental significa um compromisso com a vida”*

João Bosco da Silva.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido o dom da vida e a força necessária para ter alcançado, mais uma vitória em minha caminhada de aprendizado. À minha família, principalmente aos meus pais; por seu carinho, amor e conselhos. A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Agradeço de modo especial à gestão escolar e aos professores do Colégio Estadual Valparaíso pelo seu auxílio, compreensão, que muito colaboraram neste processo.

Agradeço a equipe de professores do Curso de Licenciatura em Biologia pela contribuição, dentro de sua área, para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso e, principalmente pela dedicação e empenho que demonstraram no decorrer de suas atividades.

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
Resumo.....	06
Introdução .....	07
2. Objetivos .....	11
2.1. Objetivo geral .....	11
2.2. Objetivos Específicos .....	11
3. Metodologia .....	12
4. Resultados e Discussão .....	13
5. Considerações Finais .....	20
Referências bibliográficas .....	21
Anexos .....	23

## **RESUMO**

O presente estudo analisa a inclusão escolar de alunos portadores de necessidades especiais como deficiência auditiva e deficiência mental leve matriculados na instituição de ensino regular no Colégio Estadual Valparaíso, situado no município de Valparaíso de Goiás, verificando o histórico da educação dos alunos especiais no processo de aprendizagem, focalizando nos principais desafios individuais a serem vencidos por cada um deles e dos professores da rede estadual de ensino regular.

O presente estudo enfoca principalmente o ensino de biologia na inclusão, buscando junto ao grupo de gestão com o grupo docente a forma de trabalhar com os alunos especiais.

Apresentando especialmente o Colégio Estadual Valparaíso, com suas potencialidades e fragilidades, tendo como resultado deste estudo de caso evidências e aspectos relevantes desse processo assim como as dificuldades encontradas pelos professores, educando e comunidades envolvidas neste estudo.

Os educadores são unânimes em afirmar que o benefício de incluir alunos com necessidades na escola regular tem mão dupla, ou seja, ao mesmo tempo em que os ensina a aprender com a coletividade, habitua-os à ideia da diversidade.

A função da inclusão de alunos com deficiência institui a inserção de forma mais radical, completa e sistemática deles no âmbito escolar. São modificações promovidas no currículo, pelo professor, de forma que permita e promova a participação produtiva dos alunos que apresentam necessidades especiais no processo de ensino e aprendizagem, na escola regular. A implementação destas modificações encontra-se no âmbito de responsabilidade e de ações exclusivas dos professores não exigindo autorização, nem dependendo de ação de qualquer outra instância superior, nas áreas política, administrativa e técnica.

Palavras chaves: ensino, inclusão e biologia.

## INTRODUÇÃO

Todos têm direito de acesso e permanência nas escolas em igualdade de condições sem qualquer discriminação, é um princípio que está em nossa constituição desde 1988, mas que ainda não se tornou realidade para milhares de crianças, jovens e adultos.

Para que o movimento de inclusão torne-se verdadeiro faz-se necessário uma mudança na sociedade e uma organização no sistema de ensino.

No tocante à questão da educação enquanto direito, a Constituição Federal de 1988 dispõe em seu Capítulo III, artigo 205, seção I, que a Educação é direito de todos, sem quaisquer distinções e que deverá ser proporcionada pelo estado, em colaboração com a família, a partir do enunciado: A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a UNESCO, realizada em Salamanca entre o dia 7 e 10 de junho de 1994, foi aprovada que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional. O objetivo desta foi definir a política e inspirar a ação dos governos, de organizações internacionais e nacionais de ajuda, de organizações não governamentais e outras instituições na implementação da Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas, em educação especial (UNESCO, 1994).

Segundo Mrech (2001) a Educação Inclusiva se entende como o processo de inclusão dos portadores de necessidades especiais ou distúrbios de aprendizagem na rede comum de ensino em todos os seus graus. A educação inclusiva há décadas trazia o conceito de deficiência que era visto como algo irremediável, ou seja, os portadores de necessidades especiais eram excluídos do convívio social e sofriam vários tipos de discriminação como se representassem um perigo à sociedade. Hoje esta tem outra visão sobre a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais nas escolas públicas regulares, com o sucesso total em todos os ângulos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (Resolução 217 (III) 10 de dezembro de 1948) determina que todas as pessoas devem ser tratadas fraternalmente, independentes das

suas deficiências. A mesma também assegura que pessoas deficientes de todos os tipos de necessidades especiais devem ser levadas em consideração no desenvolvimento econômico e social.

A cada dia, a unidade escolar inclusiva procura inserir a valorização pela diversidade, partindo do princípio que cada indivíduo possui uma dificuldade individual, tornando assim o aluno especial aceito no âmbito escolar normal, independente da sua diferença, constituindo a necessidade de assegurar e garantir o acesso ao conhecimento e participação em todos os ambientes, independente da limitação inerente a cada um. Procura ainda, enfatizar formas de interação e integração positivas, analisando as particularidades dos alunos, respeitando o seu espaço, limites e suas potencialidades, que é o fato da sua superação e conquistas dos desafios em diferentes áreas do saber e observando às reais possibilidades, oferecendo apoio às dificuldades e acolhendo as necessidades dos alunos especiais, tendo como ponto de partida a escuta destes alunos, seus pais e a própria comunidade escolar (Brasil, 2004 a, b).

Constituindo hoje um grande desafio, a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema de ensino público regular leva aos educadores a preparar-se mais profissionalmente para trabalhar com alunos que apresentam algum tipo de deficiências.

A surdez, sendo de origem congênita, é quando se nasce surdo, isto é, não se tem a capacidade de ouvir nenhum som. Por consequência, surge uma série de dificuldades na aquisição da linguagem, bem como no desenvolvimento da comunicação. Uma pessoa muda é aquela que não faz uso de seu aparelho fonador para a fala ou qualquer outra manifestação vocal.

De acordo com Vasconcelos (2004) o retardamento mental é uma ocorrência comum em crianças e adolescentes. Este é mais comum no sexo masculino, sendo atribuído às numerosas mutações dos genes encontrados no cromossomo X. As crianças acometidas apresentam-se ao pediatra, geralmente, com queixa de atraso na fala/linguagem, alteração do comportamento ou baixo rendimento escolar. Há quatro níveis de gravidade que podem ser especificados, refletindo o nível atual de comprometimento intelectual: Retardamento Mental Leve (QI 50-55 até aproximadamente 70), Moderado (QI 35-40 a 50-55) Grave (QI 20-25 a 35-40) Profundo (QI abaixo de 20 ou 25). O retardamento mental leve equivale, basicamente, à antiga categoria pedagógica dos educáveis. Este grupo constitui o maior segmento (cerca de 85%) dos indivíduos com o transtorno (Fernandes e Aguiar, 2010).



Dislalia é uma perturbação na emissão de palavras, é um distúrbio da fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras. Basicamente consiste na má pronúncia das palavras, seja omitindo ou acrescentando fonemas. (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1998).

A dislexia é a incapacidade, devida a lesão central, para ler compreensivamente, caracteriza-se por uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. A dislexia é mais frequentemente caracterizada por dificuldade na aprendizagem da decodificação das palavras. Pessoas disléxicas apresentam dificuldades na associação do som à letra (o princípio do alfabeto); também costumam trocar letras, por exemplo, b com d, ou mesmo escrevê-las na ordem inversa, por exemplo, "ovóv" para vovó. A dislexia, contudo, é um problema visual, envolvendo o processamento da escrita no cérebro, sendo comum também confundir a direita com a esquerda no sentido espacial (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2001).

A disgrafia é uma dificuldade motora que se exprime nos componentes espaciais da escrita. Apresenta transtorno da escrita, de origens funcionais, que surge nas crianças com adequado desenvolvimento emocional e afetivo, onde não existem problemas de lesão cerebral, alterações sensoriais ou história de ensino deficiente do grafismo da escrita. Segundo Brueckner e Bond (1986) classificaram a Disgrafia como disgrafia do tipo maturativa, desenvolvida a partir de factores próprios do desenvolvimento do indivíduo e disgrafia “provocada”, de causa pedagógica, cujo substrato é o ensino inadequado da escrita. Ambos, neste caso, reportam-se tanto ao excesso de exigência quanto à deficiente orientação no processo de aquisição do grafismo da escrita (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1998).

De acordo com o Wagner Gattaz (2010), psiquiatra e professor de psiquiatria na Universidade de São Paulo, esquizofrenia é uma doença psiquiátrica endógena, que se caracteriza pela perda do contato com a realidade. A pessoa pode ficar fechada em si mesma, com o olhar perdido, indiferente a tudo o que se passa ao redor ou, os exemplos mais clássicos, ter alucinações e delírios. Ela ouve vozes que ninguém mais escuta e imagina estar sendo vítima de um complô diabólico tramado com o firme propósito de destruí-la. Não há argumento nem bom senso que a convença do contrário.

Segundo Geraldo J. Ballone (2000) o Distúrbio do Déficit de Atenção (DDA) acomete entre 3 e 5% das crianças, sendo considerada uma das patologias psiquiátricas mais frequentes nesse grupo etário, pouco se sabe de sua real prevalência em adultos. Embora esse transtorno tenha sido raramente diagnosticado até recentemente em adultos, estima-se que 30 a 60% dos

casos tenha seus sintomas persistidos na idade adulta, sendo sua prevalência estimada em 1 a 2 %. Muitos médicos desconhecem a existência do DDA em adultos e quando são procurados por estes pacientes, tendem a tratá-lo como se tivessem outros problemas (de personalidade, por exemplo) ou quando existe realmente outro problema associado (depressão, ansiedade ou drogas).

Acreditando no progresso ao longo do processo educativo, espera-se por parte do governo e o sistema de educação uma iniciativa que ofereça mais recursos para o ensino como: cursos de capacitação, escolas adequadas para os alunos especiais, recursos didáticos apropriados, inserindo a família e a comunidade escolar nesse contexto de educação.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral:**

Analisar e discutir, junto com os professores do ensino médio do Colégio Estadual Valparaíso, conhecimentos técnicos típicos que atendem as diferentes dificuldades enfrentadas no dia a dia, assim como, a prática pedagógica voltada para a educação dos alunos com necessidades especiais, especialmente com deficiência auditiva e mental leve.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Avaliar se os professores contam com os recursos necessários para ensinar a estudantes com deficiência mental leve e surdez.
- Analisar se o professor conta com a educação e a experiência necessária para trabalhar com essas deficiências.
- Discutir se as ferramentas e estruturas físicas presentes na escola são apropriadas para suprir as necessidades dos alunos que apresentam algum tipo de deficiência.

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado com os 20 professores pertencentes ao Colégio Estadual Valparaíso, localizado na cidade Valparaíso de Goiás, no bairro de Valparaíso I, situado na praça central. Este Colégio Estadual tem como objetivo promover mudanças, rever posições, buscar soluções objetivas voltadas inteiramente para os alunos portadores de necessidades especiais.

O colégio funciona nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. No turno matutino há 600 alunos, já no turno vespertino 350 alunos e no noturno 130 alunos totalizando 1080 alunos matriculados nesta unidade de ensino. O colégio tem uma ótima estrutura, possui dois compartimentos de blocos, o bloco 1 quadrado e o bloco 2 é redondo. O bloco 1 *redondo* é composto por 13 salas e o bloco 2 *quadrado* possui 7 salas além de banheiros masculinos e femininos, pátio extenso, cozinha bem ampla e estruturada, laboratório de informática (anexo 3A) bem organizado com 30 computadores e acesso a internet, quadra de esporte ampla e com iluminação, conta com um número suficiente de salas de aulas, tem ótimo espaço para recreação esportiva a qual os alunos elogiam muito e onde são realizados vários projetos durante o ano, onde os alunos participam, juntamente com a comunidade escolar.

Os alunos que apresentam necessidades especiais frequentam o turno vespertino e noturno. Os alunos no turno vespertino frequentam o 1º ano “I” do ensino médio. A turma é composta por 36 alunos, sendo 2 alunos com deficiência auditiva, os dois têm 21 anos de idade. São 12 professores que dão aula nesta turma juntamente com a intérprete. O aluno especial no turno noturno frequenta o 1º ano “L” do ensino médio, a turma é composta por 22 alunos, sendo apenas um aluno que apresenta DML, ele tem 39 anos de idade. São 12 professores que dão aula nesta turma. Os professores responderam um questionário para expor sua forma de trabalho e conhecer melhor como é o ensino com esses alunos especiais.

A metodologia deste trabalho foi um estudo de caso elaborando um questionário (anexo 2) para conhecer melhor o trabalho dos professores com o ensino inclusivo e a adequação escolar para atender a necessidade especial.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Diante do questionário apresentado, a maioria dos professores tem menos de 5 anos no ensino especial e lidam com alunos com deficiência auditiva (anexo 3B), dislexia, dislalia, disgrafia e deficiência mental leve (anexo 3C). Na opinião dos entrevistados, trabalhar com a educação inclusiva requer muita paciência e dedicação, pois deparam-se com muitos problemas como falta de preparação profissional na área, falta de recursos, falta de sala de aula reduzida e pouco apoio da família.

Em relação à condição física da escola a maioria dos entrevistados considera a estrutura boa, bem espaçosa, com rampas, laboratório de informática amplo, uma professora intérprete, mas precisam de alguns ajustes, como banheiros adequados e materiais pedagógicos. Para facilitar o processo de inclusão e para que isto seja possível é preciso que o colégio procure se adequar de acordo com a carência de cada aluno com a participação governamental juntamente com a da comunidade.

De modo geral todos enfatizam sobre a pouca frequência da família na escola, alguns são alheios e entregam a responsabilidade para os professores, e por esse motivo a uma necessidade de envolver mais a família na escola, realizando eventos, projetos e reuniões.

No colégio, são realizados vários eventos como: projetos, campeonatos, passeios educativos, festas comemorativas, palestras educativas e entre muitos outros. Estes eventos são realizados com todos os alunos pertencentes à escola.

Em novembro de 2011 foi realizado o projeto Festival de Talentos juntamente com todas as disciplinas, a equipe de professores, alunos e comunidades. Este projeto foi realizado após o estudo de caso com os professores com o intuito de socializar os alunos, pais e professores como resultado desse estudo. Houve jogos e brincadeiras com a participação dos pais, professores e alunos incluindo filmes, dramatizações, teatro, musicais, painéis, murais e trabalhos manuais. Esse projeto serviu para a socialização, aumentar a autoestima e também orientar a equipe de professores na avaliação dos alunos.

Segundo a UNESCO (1994) os programas de formação inicial deverão incutir em todos os professores da educação básica uma orientação positiva sobre a deficiência que permite entender o que se pode conseguir nas escolas com serviços locais de apoio. Os conhecimentos e aptidões requeridos são basicamente os mesmos de uma boa pedagogia, isto

é, a capacidade de avaliar as necessidades especiais, de adaptar o conteúdo do programa de estudos, de recorrer à ajuda da tecnologia, de individualizar os procedimentos pedagógicos para atender a um maior número de aptidões. É necessário a preparação de todos os professores para que exerçam sua autonomia e apliquem suas competências na adaptação dos programas de estudos e da pedagogia, a fim de atender às necessidades dos alunos e para colaborar com os alunos e com os pais.

Os alunos que apresentam necessidades especiais frequentam o turno vespertino e noturno. Os alunos no turno vespertino frequentam o 1º ano “I” do ensino médio. A turma é composta por 36 alunos, sendo 2 alunos com deficiência auditiva, os dois têm 21 anos de idade. São 12 professores que dão aula nesta turma juntamente com a intérprete. O aluno especial no turno noturno frequenta o 1º ano “L” do ensino médio, a turma é composta por 22 alunos, sendo apenas um aluno que apresenta DML, ele tem 39 anos de idade. São 12 professores que dão aula nesta turma. Os professores responderam um questionário para expor sua forma de trabalho e conhecer melhor como é o ensino com esses alunos especiais.

Em relação à posição do entrevistado número um (1) leciona há 4 anos no ensino inclusivo, com alunos surdos, má formação congênita, cognitivas, motoras e física. Na opinião do entrevistado *“trabalhar com inclusão de fato não é tarefa fácil, pois há dificuldade de compreensão dos profissionais não capacitados na área, a falta de capacitação dos profissionais, cursos de capacitação não são oferecidos, em relação às condições físicas, faltam recursos, tais como: monitores adaptados, psicólogos, teclados em braile dentre outros, a escola não tem disponíveis recursos didáticos que favorecem o aprendizado do aluno, na prática pedagógica com o aluno inclusivo não é diferenciada dos demais, salvo para os alunos surdos, onde há uma professora interprete. Em relação à família na educação do aluno especial geralmente eles não são diagnosticados devido a não aceitação dos pais em decorrência da situação de seus filhos. Algum trabalho realizado com as famílias em relação à educação inclusiva até o momento não presenciei na escola um trabalho específico para nortear os pais”*.

E o entrevistado número 1 conclui. *“Toda escola deve ser uma comunidade coletivamente responsável pelo êxito ou fracasso de cada aluno. O corpo docente e não cada professor individualizado deverá partilhar a responsabilidade pela educação de crianças, jovens e adultos com necessidades especiais. Há uma necessidade de que pais e voluntários sejam convidados a assumir participação ativa no trabalho da escola. No entanto, os*

*professores possuem um papel fundamental enquanto administradores do processo educacional, apoiando os alunos através do uso de recursos didáticos disponíveis, tanto dentro como fora da sala de aula, mas infelizmente trabalhamos com outra realidade”.*

O entrevistado número dois (2) nas suas colocações mencionou que trabalha no ensino inclusivo há 13 anos com alunos com deficiência auditiva severa, na função de intérprete. *“Trabalhar com educação inclusiva é muito complicado, falta de preparação e formação dos professores regentes para trabalhar com o aluno especial, sem a formação adequada, os professores não conseguem fazer as adequações curriculares necessárias para o desenvolvimento do aprendizado do aluno especial. A maioria dos professores regentes são totalmente leigos, Os cursos de capacitação são oferecidos somente para os professores de apoio e intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), deveriam incluir os professores regentes (agentes responsáveis pelo aprendizado do aluno) e os coordenadores pedagógicos. A escola apresenta condições físicas que favorecem a inclusão, como a clientela do aluno atendido na escola, são alunos surdos, a principal adequação física do espaço é a sinalização em LIBRAS. Em relação à prática aos recursos didáticos que favorecem o aprendizado ainda não se conta computadores com internet, dentre outros que procuramos adequar. A prática pedagógica como aluno surdo, exige que haja uma adequação curricular dos conteúdos pelos professores no planejamento da aula. Após essa ação no ato de ensinar esse conteúdo há necessidade da interpretação pelo intérprete de LIBRAS educacional. A participação da família é fundamental, pois é ela que em primeiro lugar deve lutar pelos direitos do seu membro familiar especial”.*

É no dia a dia escolar que crianças, jovens e adultos, atores sociais têm acesso aos diferentes conteúdos curriculares, os quais devem ser organizados de forma a efetivar a aprendizagem. Para que este objetivo seja alcançado, a escola precisa ser organizada de forma a garantir que cada ação pedagógica resulte em uma contribuição para o processo de aprendizagem de cada aluno (Brasil, 2004 a, b).

O entrevistado número três (3) trabalha na educação há 21 anos e com o ensino especial há 4 anos. Na opinião do entrevistado *“o trabalho tem que ser cooperativo, pois sem ele não há aprendizagem. Uma das dificuldades em trabalhar com a inclusão é o envolvimento com a família que na maioria das vezes não há. A equipe de professores não está preparada para lidar com a inclusão, mesmo com a facilidade de ter formação continuada, oferecidas pelos sistemas educacionais, muitos permanecem por ficar leigos no*

*assunto. Com isto, as dificuldades de envolvimento aluno/professor se tornam mais difícil. A escola nem sempre apresenta condições físicas, já em relação aos recursos didáticos temos poucos, esperamos adaptação para várias situações, na prática pedagógica com o aluno inclusivo tentamos agir o mais natural possível. Ou seja, preparando a turma para que respeite o limite do colega. A participação da família nem sempre é presente, o trabalho realizado- entrevistas com os responsáveis, a fim de colher informações que nos facilitem buscar recursos para desenvolvermos um bom trabalho”.*

Escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Assim, uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para oferecer a cada aluno, independente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação (Carvalho, 1997).

O entrevistado número quatro (4) atua em sala de aula há 15 anos, mas com o ensino especial há pouco tempo, o entrevistado menciona que trabalha com alunos portadores de deficiência auditiva, mudos, alguns com deficiência física. *“Observo que a educação inclusiva é mais problemática quanto trata-se de questões de ordem mentais e/ ou psicomotoras comprometidas. As dificuldades encontradas para trabalhar com a inclusão é em primeiro lugar, a formação adequada para tal. Em seguida o apoio técnico promovido pela instituição, tanto por profissional quanto material. Para os professores algumas vezes até são oferecidos cursos. Mas muitas vezes os professores não dispõem de tempo ou recursos financeiros para realizá-los. Na maioria das vezes a escola não apresenta condições que favorecem a inclusão, a começar pelo excessivo número de alunos em sala de aula. Os recursos didáticos que oferecem são bastante escassos, a prática pedagógica deveria ser, no trabalho que favoreça a inclusão, realizada integrada no grupo; porém, monitorada individualmente. Portanto, a prática psicológica com o aluno inclusivo tem sido realizada com pouca frequência no grande grupo. Pouquíssimas famílias participam efetivamente na educação do aluno especial. A grande maioria destina à escola a responsabilidade pela educação do filho portador de necessidades especiais”* diz o entrevistado.

Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados. Em uma escola inclusiva, o aluno é sujeito direito e foco central de toda ação educacional; garantir a sua caminhada no processo



de aprendizagem e de construção das competências necessárias para o exercício pleno da cidadania é, por outro lado, objetivo primeiro de toda ação educacional (Brasil, 2004 a, b).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1999) foram elaborados procurando, de um lado respeitar diversidade regional, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

O entrevistado de número cinco (5) está ativo há 4 anos na educação e no ensino inclusivo há 1 ano, as necessidades especiais dos alunos são dislalia, disgrafia, deficiência auditiva e esquizofrenia. O entrevistado enfatiza que trabalhar em educação inclusiva é desafiador porque demanda uma reelaboração de metodologias. *“As dificuldades encontradas para trabalhar com a inclusão é a falta de capacitação do professor, a conscientização da comunidade escolar e a falta de materiais didáticos que atendam a necessidade dos alunos especiais. Os professores não são preparados para lidar com os alunos especiais e não são fornecidos cursos de capacitação. Em relação às condições físicas da escola, apenas possui rampas, nem os banheiros são adequados, aos recursos didáticos tem alguns recursos como: laboratórios de informática, data-show, televisão, som e DVD. Em relação a prática pedagógica infelizmente os professores têm que alcançar o aluno com os poucos recursos e conhecimentos que obtém . A participação da família na educação do aluno poucos pais participam da educação de seu filho especial”*.

Para que uma escola se torne inclusiva há que se contar com a participação consciente e responsável de todos os atores que permeiam o cenário educacional: gestores, professores, familiares e membros da comunidade na qual cada aluno vive (Brasil, 2004 a, b).

Constata-se, portanto, que a construção de uma escola inclusiva implica transformações no contexto educacional: transformações de ideias, de atitudes e da prática das relações sociais, tanto no âmbito político, no administrativo, como no didático-pedagógico. O processo de mudança tem um ponto decisivo por onde iniciar a construção do projeto político-pedagógico da escola. As escolas inclusivas propõem um modo de se construir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades (Mendes, 1994).

O entrevistado número seis (6) atua na educação há 1 ano com alunos que apresentam déficit de atenção. Na opinião do entrevistado *“trabalhar na educação inclusiva é algo que requer paciência e dedicação, pois o profissional tem que atentar-se para as necessidades individuais de cada aluno, as dificuldades encontradas para trabalhar com a inclusão é à disposição do profissional, eu não me sinto preparado para tal tarefa que é de trabalhar com a inclusão, em relação às condições físicas da escola muitas coisas ainda precisam ser ajustadas, a escola fornece recursos didáticos como: sala de informática e data show, em relação à participação da família na educação do aluno especial percebe que os pais são alheios a este assunto, deixando por conta somente da escola o papel de educar este aluno, até o momento não presenciei nenhum trabalho realizado com a família”*.

A prática da inclusão na realidade brasileira revela algumas dificuldades: despreparo do sistema regular de ensino para atuar no processo; resistência da comunidade escolar na aceitação dos alunos e fatores diversos de natureza familiar, institucional e sociocultural (Carvalho, 1997).

Para os alunos especiais muitas dificuldades ocorrem quando a escola regular não permite o acesso do aluno que apresente algumas limitações às situações educacionais comuns, propostas para os demais colegas. As necessidades especiais que alguns alunos podem apresentar devem ser atendidas por meio do currículo regular, de maneira adaptada ou não. Se entendermos o currículo como o conjunto de ações que a escola formaliza em consonância com o projeto pedagógico, o processo educativo assim norteado é o mesmo para todos os alunos, com a devida atenção às diferenças individuais, inclusive as dificuldades mais acentuadas que se podem observar em alguns alunos com relação aos demais (Carvalho, 1997).

O entrevistado de número sete (7) é um estagiário, e este é o primeiro contato com o ensino normal e inclusivo. Os alunos especiais com os quais trabalha apresentam retardamento mental leve. Segundo ele, *“trabalhar com educação inclusiva para ele foi uma grande oportunidade de poder colaborar com as pessoas que mais precisam de atenção, além do aprendizado que temos ao vivenciar o dia – a – dia desses alunos. As dificuldades encontradas para trabalhar com a inclusão é a falta de experiência, capacitação, conteúdos específicos e material didático, os cursos de capacitação para os professores acontecem com pouca frequência, à escola precisa apenas de algumas adaptações para atender melhor alunos com deficiência física, a escola dispõe de recursos didáticos como: laboratório de*

*informática bem equipado, dispondo de softwares e jogos educativos, além das atividades escolares como a feira de ciências e outros eventos. A prática pedagógica é a mesma utilizada com os demais alunos, pois não podemos tratá-los com indiferenças. Já na avaliação dos alunos especiais é preciso levar em consideração a sua capacidade inferior de aprendizagem. A participação dos pais na educação especial é pouca, ficando a responsabilidade por conta da escola, o trabalho realizado com as famílias é orientando para que estejam sempre ao lado dos filhos que tenham algum tipo de deficiência. Que incentive ir para a escola, auxiliando nas tarefas de casa, levando para conviver com as pessoas normais”.*

De acordo com as entrevistas pode-se observar que há muitas mudanças há ser melhorada no ensino inclusivo, a escola está aberta para receber o aluno, mas falta preparo do professor, onde estes encontram-se em dificuldades pela falta de capacitação para trabalhar com alunos especiais. A estrutura física que apresenta a instituição é boa, mas fornece pouco recurso, e falta um preparo de conscientização em relação ao ensino inclusivo, trabalhar mais com os pais, realizar reuniões e palestras, fornecer cursos como LIBRAS, pois são muitos necessitados dessas informações. É necessário envolver a família, aluno, professor, gestão escolar e todos juntos num só objetivo, dessa forma a escola cresce junto com o aluno e comunidade escolar.

Considerando a diversidade dos alunos que a escola recebe, deve-se proporcionar uma interação pedagógica que contribua para a aprendizagem e desenvolvimento de cada um deles e para isso é necessária criatividade e boa vontade dos professores, embora importantes, podem não ser suficiente para que o aluno com deficiência se desenvolva como poderia. Primeiro passo consiste na sistematização do processo avaliativo, tendo o mesmo, a finalidade de remoção das barreiras, sejam elas quais forem. Com a ajuda de todo o corpo docente, psicólogos, comunidade e familiares foi desenvolvido um projeto com o objetivo de adequá-los no meio social em que vivem. Esses projetos estão no planejamento anual da escola, onde realiza projetos como: feira de ciências, chá literários, regiões e culturas, talentos e outros.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados do estudo de caso foi possível perceber, em termos gerais, que houve muitos avanços em relação ao ponto de partida a qual se encontrava a questão educacional de pessoas com necessidades especiais. Esses avanços estão refletidos nas seguintes conquistas: efetiva mudança de mentalidade da integração para inclusão, mudanças nas metodologias, nos instrumentos, nas formas de comunicação (Convencional, Braile, Libras, Computador, etc) e nas políticas e leis, efetiva mudança no enfoque dado pela mídia aos assuntos pertinentes as necessidades especiais e a inclusão escolar.

Durante a pesquisa o grupo passou por uma perspectiva ansiosa de uma mudança geral, começando a partir de uma iniciativa dos governantes, prefeitos e comunidades. Pois a educação está aliada a esses três grupos. Também cabe aos professores o compromisso com a educação inclusiva, se aperfeiçoando para proporcionarem melhor a construção do conhecimento aos alunos com necessidades especiais.

Através deste estudo de caso, houve a oportunidade em estar mais em contato com os professores, conhecendo melhor suas dificuldades e anseios no ensino inclusivo.

A escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno, independente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo, onde o aluno cresça como ser humano, tendo todos os seus direitos preservados e cumpridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ballone, G.J. Distúrbio de Déficit de Atenção em Adultos. 2001. In. Psiqweb Psiquiatria Geral. [http://gballone.sites.uol.com.br/voce/dda\\_adulto.htm](http://gballone.sites.uol.com.br/voce/dda_adulto.htm) acesso em 02/09/12.
- Brasil, Constituição Federal de 1988, Capítulo III, artigo 205, seção I.
- Brasil, Ministério da Educação, Programa Educação Inclusiva direito à diversidade, Maria Salete Fábio Aranha, Brasília 2004a.
- Brasil, Ministério da Educação, Saberes e Práticas da inclusão, Profª Marilda Moraes Garcia Bruno, Brasília 2004b.
- Brueckner, L.J. e BOND, G.L.: Diagnóstico y tratamiento de las dificultades en el aprendizaje. Madrid. Ed. Rialp. 11 ed. 1986.
- Carvalho, R.E. A Nova LDB e a educação especial, Rio de Janeiro, 1997.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos (Resolução 217 (III) 10 de dezembro de 1948).
- Fernandes, E.C.P. e Aguiar, O.X. de. Revista Científica Eletrônica de psicologia. Deficiência Mental Leve: Aspectos Educacionais e Sociofamiliares, 2010.
- Grande Enciclopédia Larousse Cultural pág.1933, 1998.
- Grande Enciclopédia Larousse Cultural pág.1934, 1998.
- Mendes, E.G. Concepções Atuais sobre educação Inclusiva e suas Implicações Políticas e pedagógicas, 1994.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa pág. 597, 2011;
- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) - Adaptações Curriculares - Estratégias para a Educação de alunos com necessidades educacionais especiais, Brasília, 1999.
- UNESCO, Declaração de Salamanca, São Paulo: biblioteca virtual de Direitos Humanos, 1994.
- Vasconcelos, Marcio M. Retardo mental. Jornal de Pediatria [online]. 2004, vol.80, n.2 suppl. 0.
- <http://deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1400768552>. Acesso em 02/09/12.
- <http://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/esquizofrenia/>. Acesso em 02/09/12.
- <http://educamais.com/o-que-e-disgrafia/>. Acesso em 02/09/12.
- <http://www.deficiente.com.br/2009/12/os-surdos-não-são-mudos.html>. Acesso em 02/09/12.

- <http://pt.scribd.com/doc>. Um-problema-de-aprendizagem. Acesso em 02/09/12.
- <http://www.luzimarteixeira.com.br>. Prof<sup>ª</sup> Dra. Leny Magalhães Mrech Faculdade de Educação da Universidade de são Paulo. Acesso em 02/09/12.

# **ANEXOS**

**Anexo 1:** Carta pedindo a autorização da escola:

Senhor(a) Professor(a)

Estou interessada em obter um panorama do ensino em nossa região em relação à educação inclusiva. Julgamos que para isso é importante obtermos as opiniões de cada professor individualmente.

Esta pesquisa está voltada a um estudo de caso em relação condições efetivas do trabalho profissional juntamente com o aluno especial. É uma condição necessária para que se possa desenvolver mais adequadamente o ensino de inclusão e outras formas de interação como os professores do ensino fundamental e médio podem sua participação respondendo a este questionário.

Desde já agradeço sua colaboração.

Eliandra Sousa Santos  
Curso de Licenciatura em Biologia  
Consórcio Setentrional UNB/UEG



**Anexo 2:** questionário aplicado aos professores

**Consórcio Setentrional de Educação a Distância  
Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás  
Curso de Licenciatura em Biologia a Distância**

ALUNA: ELIANDRA SOUSA SANTOS

MATRÍCULA: 08/66491

QUESTIONÁRIO PARA TCC

TEMA: FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DO ENSINO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Grau de formação: \_\_\_\_\_

Série que leciona: \_\_\_\_\_

1. Quanto tempo atua em sala de aula e quantos anos no ensino inclusivo?
2. Que tipos de necessidades especiais os alunos apresentam?
3. Na sua opinião, como é de fato trabalhar com a educação inclusiva ? Por quê?
4. Quais as dificuldades encontradas para trabalhar com a inclusão?
5. A equipe de professores é preparada para lidar com a inclusão? São fornecidos cursos de capacitação?
6. A escola apresenta condições físicas que favorecem a inclusão?
7. A escola tem disponíveis recursos didáticos que favorecem o aprendizado do aluno? Quais?
8. Como é realizada a prática pedagógica com o aluno inclusivo?
9. Como é a participação da família na educação do aluno especial?
10. Qual o trabalho realizado com as famílias em relação à educação inclusiva?

Agradeço sua participação e colaboração

### Anexo 3: Fotos

Eventos como projetos, campeonatos, passeios educativos, festas comemorativas, palestras educativas e entre muitos outros:

#### 3A. Laboratório de Informática



#### 3B. Alunos com deficiência auditiva com a interprete profa. Tatiana Machado:



#### 3C. Alunos com deficiência mental leve:

